

FALAM OS ESCRITORES

O que mais me seduz o espírito é cultivar o cérebro dos pequeninos leitores
— diz-nos D. Ana de Castro Osório

O nome da senhora D. Ana de Castro Osório dispensa de há muito todo o habitual cortêjo de adjectivos laudatórios. Escrevê-lo, *tout court*, bastará para evocar um dos mais incansáveis e brilhantes talentos das letras dos nossos dias.

Polígrafa é a sua ágil e experimentada pena. A pedagogia, os estudos sociais e históricos, o romance e a novela, o teatro também, em-fim, quasi todos os rincões, os mais diversos, do vasto país literário, teem conseguido desentranhar-se em meritórias e encantadoras obras sob o cultivo da sua inteligência e da sua imaginação.

Confidenciando-nos alguém que a illustre escritora atravessava uma época de febril actividade, resolveu a *Revista Literária* solicitar-lhe uma *interview*, para colher pormenores dessa labuta intensa.

Ali, um pouco adiante da Sé velha de Lisboa, num bairro que, não sendo dos mais silenciosos da cidade, não é, todavia, também dos mais ruidosos, dos mais daninhos, portanto, à elaboração mental, — fomos encontrar a conhecida publicista no seu gabinete de trabalho, que, se pela abundância de livros e revistas, denuncia a literata, pelo arranjo e pelas pequenas notas de beleza privativas dos espíritos feminis, acrescenta que ali vive uma *mulher*.

— Sabemos que trabalha agora muito... — foi a nossa primeira frase.

— Agora?!... — responde-nos D. Ana de Castro Osório, num tom surpreso que, se o não acompanhasse um sorriso, dir-se hia ofendido. — *Agora*, não está certo, porque o meu trabalho é e tem sido contínuo... e variado. Quere a prova? Escute. O último inverno foi um dos mais fecundos para a sua organização metódica. Na viagem do Rio para Lisboa, acabei definitivamente o grande romance que tinha, há muito, todo architectado. Faltavam-lhe apenas os últimos capítulos, que só quis escrever depois de reviver em saúde e em entusiasmo as terras maravilhosas de Santa Cruz. Esse romance, a que dei o título *Mundo Novo*, representará, assim o espero, qualquer coisa para a vida mental e moral da mulher moderna, especialmente para as das nossas raças ibero-americanas. Já tive propostas de tradução, mas não desejo vê-lo em outra língua antes de sair em português.

— Mas ouvimos falar doutros livros...

— Sim. Tenho completo, pronto a sair o *Olim*..., que é um livro de pequeninas histórias vividas, da qual fazem parte algumas das que formaram os *Infelizes*, que não será republicado em conjunto e sim desdobrado entre o *Olim*... e as «Histórias de Família», que também estão quasi terminadas. Este livro, que faz parte duma série de intimidade psicológica, iniciada com os *Dias de Festa*, somente será publicado depois das outras obras que lhe anuncio. E tenho revistos, para novas estampas, o romance «Ambições», completamente exgotado na sua primeira edição, e *Quatro Novelas*, em que substituí a *Feiticeira* por uma história mais de harmonia com as outras três, pois a *Feiticeira* está destinada a uma edição de luxo com ilustra-



ções de Leal da Câmara. Oiça mais. «Hibiscos» é também um livro de pequenas histórias sociais.

Escrevo-o lentamente, no intervalo doutros trabalhos. Eis a minha obra literária mais actual, sem falar das conferências que realisei no Brasil e estão a imprimir-se e doutros livros de propaganda e orientação social que penso organizar, sintetizando um labor de vinte e sete anos seguidos, dia a dia, sem interrupção.

— Então não fala da sua colecção *Para as Crianças*, que tantos consideram o seu trabalho de mais elevado sentido?

— Podia lá esquecê-la, se considero um dever consagrar em cada dia uma hora, pelo menos, às crianças, sem dúvida as minhas maiores amigas?! Olhe, além da revisão completa dos tomos já publicados, tenho muitos contos novos que irão saindo a pouco e pouco, devidamente ilustrados e editados com amor pela nossa casa. Acredite que o que mais me seduz o espírito é cultivar o cérebro dos pequeninos leitores. Depois, a tradição popular portuguesa é inexgotável! Tenho muito trabalho feito que há de ir constituindo a maior riqueza que deixo à minha Pátria: uma verdadeira literatura infantil, que ninguém tinha cuidado de criar entre nós até agora. Além desses contos da tradição portuguesa, tenho alguns volumes originais e educativos, complemento necessário dos contos maravilhosos. Para esta série estou escrevendo uma nova viagem dos meus queridos bonecos *Felicio* e *Felizarda*. Voltaram ao Brasil para assistir à Exposição, e aproveitaram o tempo indo dar uma volta pelo Rio Grande, Paraná e São Paulo...

— E ainda mais?

— Não tem fim, senão quando morrer, o trabalho que me impuz. E ainda muitos anos depois de morrer estarei com os meus leitoresinhos, já netos e bisnetos dos primeiros leitores, — porque espero deixar-lhes um grande material acumulado.

Estávamos inteirados. Não nos tinha iludido quem nos confidenciara que a senhora D. Ana de Castro Osório tinha à beira da publicidade uma considerável quantidade de livros. Restam-nos somente acentuar uma circunstância. A nossa ilustre entrevistada falou-nos não só como autora: falou-nos também como editora. E eis porque a *Revista Literária* desta feita fundiu as suas duas habituais entrevistas numa única. A escritora é sócia e directora da *Lusitania Editora Limitada*, que, como se sabe, não se destina apenas a lançar-lhe os livros. Difícil nos seria agora citar os números mais importantes do seu catálogo. Mas podemos, ao acaso, indicar êstes: «Leomil», de António de Séves; «Sonetos», de Fausto Guedes Teixeira; «Clepsydra», de Camilo Pessanha. Muitos mais poderíamos mencionar. Mas bastam êstes para demonstrar que a Empresa de que D. Ana de Castro Osório faz parte não repudia a lição de actividade que a escritora lhe ministra.